

## ENTRE MOLDURAS E CAMINHOS: A EXPERIÊNCIA DO PENSAR A PARTIR DE HANNAH ARENDT

### BETWEEN FRAMEWORKS AND PATHWAYS: THE EXPERIENCE OF THOUGHT FROM HANNAH ARENDT

*Para Odilio Alves Aguiar*

Lucas Barreto Dias<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-1892-9171>

**Resumo:** Busco, através desse ensaio, percorrer certas imagens representativas para compreender o que significa a experiência do pensar. Minha referência principal diz respeito às reflexões de Hannah Arendt, tanto suas descrições daquilo que aparece, quanto do sentido que acompanha as aparências. O pensar é compreendido sobretudo como uma atividade: a vida do espírito não é passiva, não se reduz à contemplação, bem como não desponta do nada, independente do mundo. No entanto, nossa situação condiciona em certos aspectos o nosso pensamento, embora caiba a cada um de nós o realizarmos: movemo-nos e pensamos relativamente a um mundo, ainda que desejemos por vezes escapar-lhe. Há uma moldura que circunda maleavelmente nossa atividade intangível, seja impondo-lhe limites, seja os expandindo. Este texto é uma experiência de pensamento em que caminho junto a Arendt, mas em nosso mundo atual.

**Palavras-chave:** Pensamento. Experiência. Moldura. Caminhos. Hannah Arendt.

**Abstract:** Through this essay, I search for some images that may represent the experience of thinking. My major reference is Hannah Arendt's reflections: on one hand, her descriptions about what appears, and on the other, the meaning that follows the appearances. The thought is understood mainly as an activity: the life of the mind is not passive, it cannot be reduced to contemplation, nor emerge from nowhere, regardless of the world. However, our situation conditions our thinking in certain aspects, although each one of us must perform it: we think and move ourselves regarding the world, even though sometimes we desire to escape it. There is a framework that malleably surrounds our intangible activity, whether imposing limits or expanding them. This text is a experience of thought in which I walk with Arendt, but in our current world.

**Keywords:** Thought. Experience. Framework. Pathways. Hannah Arendt.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. Professor de Filosofia do IFCE. E-mail: [lucas.noglb@gmail.com](mailto:lucas.noglb@gmail.com) / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6939010372020129>

Uma obra de arte não está presa em uma moldura. A transcendência que a arte carrega consigo não invalida que se a caracterize, ainda que haja arte para além da caracterização. A moldura de um quadro físico ou a moldura de um pensamento nunca prendem, o erro é pensar que haja prisão possível para a arte ou para o pensar, eis porque perigosos<sup>2</sup>. De modo similar, um caminho geralmente é acompanhado por margens, limites que indicam o local a caminhar, mas há sempre mais caminhos para além das linhas que o margeiam. A moldura do caminhar não impede que se saia do previamente traçado: uma ramificação é uma possibilidade sempre latente, ainda que seja um ramo de um outro caminho. Nunca se parte do grau zero, não há, em absoluto, o zero. Nosso início é margeado por um mundo de caminhos e de obstáculos, caminhos que podem também ser obstáculos e que só porque podem ser ultrapassados é que ainda assim não impedem em definitivo o caminhar, mas o possibilitam. Todo vazio é ilusório, tal como o é também todo absoluto. Um caminho sem margens se aproxima mais do descaminho, pois os limites não servem unicamente para nos “pôr nos trilhos”, mas nos servem como uma referência. Des-caminho que não impede o caminhar, por certo, mas onde raramente nos encontramos. Descartes bem sabia, perdidos em uma floresta, o melhor a fazer é traçar uma linha reta e abrir um caminho que talvez não seja o melhor para quem conheça toda a floresta, mas é o mais prudente para quem nela se aventura mesmo a desconhecendo.

Eis sempre a nossa situação: nossa floresta não é apenas um mundo que sempre nos será, em alguma medida, estranho, mas é também onde nossos pensamentos se lançam, sempre buscando por pontos de referências, trilhas que outros pensadores, por exemplo, também deixaram, mas que não nos asseguram nada em absoluto. Em nossa situação, trilhas abertas muitas vezes já se encontram cheias de ervas daninhas, em outros casos, sequer conseguimos ver com clareza o caminho previamente traçado e precisamos percorrê-lo com cautela, buscando as margens nem sempre precisas que um dia foram criadas por aqueles que desbravaram a floresta, percorrendo seus caminhos também em referência a outros que lhe antecederam. Em nossa situação, não vemos acima das copas, e de que adiantaria podermos ver? A folhagem é densa, e a floresta que melhor mimetiza o campo do pensar não são os bosques alemães, mas é a floresta tropical, a amazônica. Não são as árvores espaçadas e o clima ameno, mas é aquele local difícil de habitar por muito tempo, só quem nasce nele sobrevive porque em comunhão, do contrário, ele te sufoca e te faz suar, seus animais te amedrontam e seus insetos te sugam o sangue e fazem coçar a ponto de sonhar com a quietude dos sentidos.

---

<sup>2</sup> O pensar é perigoso, inclusive para quem pensa.

No caminhar perdido entre a densa floresta que é o pensar, podemos nos acompanhar de uma bússola que nada mais indica senão o Norte magnético. Não há, aqui, uma regra para onde caminhar, não há um traçado que ela descreva, há, somente, uma orientação a partir do magnetismo mundano. Não há prescrição que assegure um caminho certo, pois não há moldura definitiva, há, sim, elementos que podem nos auxiliar a modular, sob certos aspectos, o nosso pensar-caminhar.

Uma moldura de pensamento só o emoldura na medida em que ressalta alguns de seus aspectos, porque nenhum pensamento surge de um nada absoluto. O mundo, as pessoas, as coisas, tudo o que nos cerca também nos provoca um estímulo que nos escapa e vem ao nosso encontro: tornam-se as cercanias do nosso pensamento ao mesmo tempo em que o capacita a pular estas mesmas cercas. Não há uma só imagem que possa enquadrar o enquadramento, pois este sempre é matéria prima que possibilita um quadro maior. A moldura-cercania é um caminho margeado por espelhos d'água que refletem nosso passado e nosso presente, expõem os nossos limites, mas, precisamente por serem limites passados, não limitam o caminhar futuro, antes, tornam-no possível. Nada impede que pulemos em direção ao espelho d'água, embora costumeiramente continuemos nosso caminhar sem reparar mais em sua beleza. O caminho automatizado nos aliena do próprio mundo em que caminhamos.

São esses limites que margeiam a moldura do nosso caminhar pela floresta e que nos acompanham como referência na atividade do pensamento. São elementos que nos condicionam, mas que não nos impedem de que nós mesmo possamos traçar outros tantos caminhos enquanto percorremos e cruzamos as trilhas de outros que nos antecederam e daqueles que parcialmente nos acompanham. A moldura do pensamento, assim como as margens que figuram o caminhar, não criam uma estrutura prévia que se imponha como absoluta, mas dá movimento e o auxilia: amparos? Corrimãos?

Hannah Arendt pretendeu pensar sem amparos, mas esta situação, em absoluto, não é possível. O que o é – e penso que talvez tenha sido esta sua intenção ao formular tal noção – não é senão um pensar para além dos amparos de nossa tradição. Esta mesma perspectiva (do pensar sem amparos) surge quando Arendt cita René Char – “*Notre heritage n'est précédé d'aucun testament*”<sup>3</sup> – ou quando afirma que o fio da tradição está rompido e que suas estruturas não podem mais responder aos anseios de nosso tempo. A retórica de Arendt, no entanto, não a livra dos seus corrimãos.

---

<sup>3</sup> “Nossa herança não foi precedida por nenhum testamento”, ou “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”. ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**, p. 28.

Eis então como compreendo tais formulações arendtianas: os amparos não servem para nos segurar, servem, antes, para orientar o caminho, como se fôssemos cegos em um prédio em chamas. As estruturas sob as quais as paredes foram erguidas não são mais seguras, elas estão desmoronando. Os corrimãos apenas nos orientam. A imagem é apocalíptica e limitada, mas o que são os corrimãos se não outras margens? O que importa nesta película é que o corrimão de cada andar apenas nos auxilia, mas não nos assegura nenhum tipo de salvação final. Eis de novo, nossa situação: estamos em um prédio em chamas com paredes a desmoronar e corrimãos a nos guiar, cegos, por uma saída. Em nossa situação, estamos também em uma floresta tropical em chamas que nos foi alienada e à qual pouco pertencemos, perdemos muitas de suas raízes e não sabemos nos orientar dentro dela.

Pensar sem amparos é, por isso, mais um pensar para além dos amparos, ou, penso eu, tornar-nos cômicos de nossos amparos para poder pensar com eles e para além deles. O fio rompido da tradição não é o fim do legado da tradição, mas saber que aquilo que ela nos testamenta não é suficiente para o nosso mundo. Nossa herança tem sim um testamento, mas aquilo que ele nos fornece não são apenas tesouros, mas sobretudo dívidas. Nossa herança nos dá uma linguagem e nos apresenta os caminhos já traçados, mas se não podemos abdicar da língua recebida, podemos, ao menos, caminhar para além das trilhas criadas e as manter como referências, seja do que pode ser ressignificado, seja do que não precisa ser de novo caminhado. Nós, os herdeiros, não recebemos a chave do mundo, pois, ainda que seja nossa casa, ele não se reduz a uma propriedade privada, nós não o possuímos, antes, nós o compartilhamos e somos por ele parcialmente condicionados, somos do mundo. Nós, os herdeiros, recebemos uma dívida com o mundo e com aqueles que o partilham conosco, nossa herança-dívida é uma floresta, um pantanal, uma cidade, um país e um mundo em chamas durante uma pandemia.<sup>4</sup>

Nossa herança é aquilo que nos precede e que gera um impacto em nós, condiciona a partir de onde pensamos, falamos e agimos, está presente como resquício em nossa vida ativa que aparece àqueles que vivem conosco e nas atividades do nosso espírito. Nossa herança é também o nosso presente e seus acontecimentos imprevisíveis, mas não, por isso, impensáveis. A linguagem e o mundo onde surgimos nos acompanha sempre, ainda que haja

---

<sup>4</sup> “Que pampa é essa que eu recebo agora / com a missão de cultivar raízes? / Se dessa pampa que me fala a estória / Não me deixaram nem sequer matizes? / Passam as mãos da minha geração / Heranças feitas de fortunas rotas / Campos desertos que não geram pão / Onde a ganância anda de rédeas soltas./ “Herdei um campo onde o patrão é rei / Tendo poderes sobre o pão e as águas / Onde esquecido vive o peão sem lei / De pés descalços cabrestando mágoas / O que hoje herdo da minha grei chirua / É um desafio que a minha idade afronta / Pois me deixaram com a gaiaca nua / Para pagar uma porção de contas” (FRONTEIRA; DARDE, 1991).

espontaneidade para além destes condicionantes. Mais uma vez, são as margens da moldura do nosso pensamento, assim como de nossas ações.

\*\*\*

O passado como recurso de significação para eventos e conceitos parece ser lugar-comum em diversas estruturas de compreensão da realidade. Este procedimento parte da noção de que a tradição é a fonte de autoridade para justificar um argumento, uma ideia, um comportamento, enfim, um sustentáculo da verdade. No entanto, contra esta perspectiva, aqui ressoa o verso de Belchior (1976): “No presente, a mente, o corpo é diferente, e o passado é uma roupa que não nos serve mais”. Não elogio o passado no sentido torná-lo mais uma vez nossa morada. Não cabemos mais em seu tempo e espaço: não apenas a mente e o corpo são diferentes, o mundo o é.

Apesar de nos condicionar e emoldurar nosso pensar-caminhar, os diversos passados que poderiam ser evocados não são suficientes para o nosso tempo nem em suas singularidades, nem em uma combinação de suas principais características. No entanto, mesmo que o passado já não nos sirva como modelo veritativo último, é pensando com e, sobretudo, para além dele que se traz o novo à esfera da existência. *Com o passado*, pois não significa jogá-lo fora e esquecer-lo, afinal, em seu nascedouro, ele também se apresentou como novidade e é preciso perceber o movimento de vir-a-ser no qual ele um dia se fez presente; *para além do passado*, pois se trata de propiciar a irrupção do novo e aquilo que se engendra a partir dele. Em outras palavras, novamente com Belchior (1976), “e o que há algum tempo era jovem, novo, hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer”. Rejuvenescer (em) um mundo que não cabe mais no passado.

Eis que, então, meu principal interesse, e aqui compartilho da perspectiva de Arendt, não é pela teoria em si, rígida e desvinculada do mundo, não se trata de buscar por explicações que partam de abstrações ou que recorram a elas como um *Deus ex machina*. A metafísica – disciplina filosófica por excelência, usada tradicionalmente como aporte teórico fundamental – precisa ser criticada em suas intenções e procedimentos. Aos poucos nos afastamos de fantasias ou sistemas que expliquem a realidade como uma totalidade coesa, o que não significa sucumbir a um positivismo materialista. Penso que se trata principalmente de compreender a realidade como multifacetada, partindo das experiências e eventos que constituem o mundo e a relação que guardamos com ele. Como diria o músico-poeta cearense,

o “delírio”, por assim dizer, “é a experiência com coisas reais”, e ainda que não abdicamos da teoria como um todo, não se está interessado aqui em “nenhuma fantasia, nem no algo mais” (BELCHIOR, 1976), mas em integrá-la ao mundo e em compreender como ela pôde se desvencilhar dele.

Os caminhos e molduras são múltiplos e não se enquadram entre si; por vezes, cada um ressalta aspectos distintos do caminhar, reflete uma distinção nos passos, um trote não percebido, uma falácia que se camufla tal como um buraco que não se vê, mas no qual por pouco não se cai, só se o percebe pelo outro ângulo do olhar. No entanto, o buraco não visto por quem percorre o caminho, permanece ali, talvez até percebido por um espectador, mas caso não seja por apontado por quem o vê, outros tantos podem encontrar nele o destino de Tales. O ridículo do riso dos outros que o veem pelo canto do olho reflete não só o descuido de quem caminha sem olhar seu próprio percurso, mas a indiferença e escárnio de quem aguarda a queda em prol da risada.

Recorremos muitas vezes ao passado para evitar os caminhos sem saída, encontrar passagens secretas das teorias – aquilo que tantos outros intérpretes deixaram passar despercebido – ou simplesmente para investigar pelo prazer da própria investigação. O recurso de retorno ao passado tem como função encontrar as experiências originárias sobre as quais tanto conceitos como eventos puderam ser constituídos, bem como encontrar os buracos do caminho. Arendt, por exemplo, guia seu pensamento em vistas da compreensão do que ocorre ao seu mundo contemporâneo e, concomitante a isto, realiza a atividade compreensiva sem recorrer às estruturas clássicas do pensamento ocidental. Porém, não por isso se torna alheia a elas. Antes, lança-se em um movimento que persegue os modelos de pensamento que a antecederam tanto para encontrar quais experiências deram origem a certos conceitos, quanto para identificar determinadas estruturas que orientam a filosofia – isto é, sua moldura, seu quadro de referências – e a política – ou seja, as práticas que envolvem a organização das cidades e Estados, além também das motivações da ação pública dos seres humanos. O que cabe, então, para Arendt, é criticar o antigo modelo em suas variações e apontar para novos quadros referenciais, novos elementos e critérios que possam nos ajudar naquilo que ela indica como a “finalidade” da compreensão: reconciliar-nos com um mundo comum.

Paradoxalmente, no entanto, Arendt não nos diz inequivocamente qual é a *sua* moldura. São poucas as suas autodefinições; inclusive, ela tenta nos despistar em sua derradeira e inacabada obra ao dizer que “gostaria de chamar a atenção não para o meu

‘método’, nem para os meus ‘critérios’, ou (...) para os meus ‘valores’”, os quais, ela julga, “permanecem caridosamente ocultos ao próprio autor, embora possam ser, ou melhor, *parecer*, manifestos ao leitor e ouvinte” (ARENDDT, 2010b, p. 234. Grifos da autora). Isto é, a autora se diz inadequada para falar de sua moldura e deixa que nós, intérpretes, busquemos por tais elementos.

Quem percorre um caminho não o vê no todo, apenas é impactado por ele a partir de sua posição no mundo. Muitos de seus passos estão viciados de tão acostumados que estão seus pés de traçar certas rotas. Por vezes nos vemos em um caminho já conhecido, embora não pretendido: mesmo traçando previamente uma nova rota, por vezes, envoltos em nosso pensar, percebemo-nos a caminhar trilhas de outrora, como se nossa memória nos encaminhasse pela segurança já estabelecida no momento em que nos alienamos por alguns segundos do mundo. Nosso pensamento, tal como nossos pés, não se desprende em efetivo do mundo, por mais que tantos o queiram dele se alienar. Ainda que me lance no espaço sideral, meu corpo pede chão; ainda que pense em deuses, o mundo os fantasia com nossas vestes. Sou suspeito de mim mesmo pois não me vejo. Por isso dependo de outros que me observam e atestam que por vezes a prática e o discurso se afastam. Talvez quem professe palavras e realize atos não perceba inteiramente a distância entre eles: precisamos daqueles que nos cercam para nos orientar no mundo. Os outros também são as cercanias do meu pensamento e ação.

Arendt em geral foge das revelações sobre sua moldura, sobre as cercas que a limitam e às quais ela, não obstante, ultrapassa. Nas poucas referências que ela nos dá sobre seus condicionantes, temos pelo menos três. A primeira é a sua junção àqueles que tentam dismantelar a metafísica, isto é, àqueles que apontam os buracos do caminho para que estejamos cômnicos deles. Somos do mundo e, por isso, precisamos que tantos nos apontem as falhas históricas que se enraizaram tão fortemente que por vezes não ligamos mais para o tropeço; de tão enraizadas, endurecem-nos aos solavancos e nos desenraizam de nossa própria sensibilidade. Ao se aliar a este grupo, Arendt entende os limites do pensamento ocidental não apenas quanto ao conteúdo do que fora pensado, mas na própria forma de efetuar a atividade do pensar. Isto porque os buracos do caminho, aqui, não são maquiados nem consertados, pois não há como fugir deles; quando muito, recebemos um aviso de sua existência e da incompletude do caminho e, assim, concertamos nossa existência junto a um mundo que não tem conserto em definitivo. Em outras situações, aponta-se para que possamos criar desvios e elaborar novos trajetos, ainda que eles não nos assegurem uma viagem tranquila. Eis aqui uma

dimensão de buscar observar o mundo não apenas para si, mas para os outros; ademais, trata-se de aceitar as contingências que marcam nossa realidade e o fracasso que subjaz a toda tentativa de reparo absoluto.

A segunda autorreferência de Arendt é a aceitação de sua judeidade, pertencimento a um povo que se tornou pária. Saber-se vinculada a um povo indica, sobretudo, entender que sua formação humana depende do fato de que seu reconhecimento público é dado também por lentes alheias que imputam nela seus próprios graus. Quem se *é* não se reduz a quem se quer ser, o ser e o querer não são o mesmo, não há aqui identidade possível, pois não nos escolhemos inteiramente; eis, por isso, o erro da assimilação. Por mais que possamos trilhar novos caminhos, aquele do qual partimos não é por nós escolhido. Além disso, há sempre no olhar do espectador a indicação de que nosso caminho diz respeito àquele ponto de onde iniciamos; e mesmo quando dele nos desvinculamos em algum aspecto, é em comparação com nossa origem e trajetos que seremos julgados. Eis aqui a dimensão de pertencimento a uma tradição que não apenas nos encaminha parcialmente, mas que também emoldura o olhar alheio sobre nós.

A terceira autoindicação que Arendt nos dá sobre si mesma é a sua proveniência intelectual junto à filosofia alemã e a continuidade da língua alemã como algo que não escapa ao seu pensamento. Tanto como nas referências anteriores, trata-se aqui de uma forma de pertencimento, de um condicionante que se soma a tantos outros: sejam os que se nos aparecem, sejam aos que aparecem a quem nos vê de fora. Estar vinculada a uma linguagem é ter como porta de entrada ao mundo uma gramática, uma morfologia, uma sintaxe, isto é, estruturas que ao organizar o discurso e o diálogo, também organizam nossa racionalidade. Na descrição de Platão aceita por Arendt, o pensamento é uma forma de diálogo que travo comigo mesmo. Só que o pensar não é simplesmente uma faculdade que contempla de forma muda: antes, é uma atividade que se dá discursivamente. A experiência do pensar é um diálogo em que eu me estranho de mim mesmo e me ponho em perspectiva, problematizo-me a mim mesmo. O juízo, outra atividade do espírito, curiosamente também não foge de tal perspectiva, mais ainda, julgar é uma atividade que não dialoga apenas consigo mesma, mas traz à mesa da mente humana as opiniões alheias para um debate. A experiência do julgar é um debate imaginário amplo em que tantos outros indicam suas perspectivas, o resultado disso é sobretudo um modo de se reconciliar com um mundo. Enlarguecer a mente é trazer outros discursos possíveis à minha esfera de raciocínio sobre como julgar algo no mundo.

Discurso, linguagem, racionalidade, pensamento e juízos possuem, assim, uma importante conexão e constituem quem somos.

A sintaxe da linguagem nos fornece normas que identificam sujeitos, predicados, seus complementos e variações, isto é, o modo como conectamos nossa leitura do mundo. Dizer que a língua materna permanece é dizer que certas estruturas prévias de abertura ao e do mundo continuam atuantes em nós: seja em como nos direcionamos ao mundo, seja em como ele nos afeta. Esta dupla intencionalidade se configura no caminho que eu percorro no mundo e nos impactos que ele gera em mim. Uma moldura dá conteúdo aos diversos caminhos: contínuos e descontínuos. A filosofia alemã, no caso arendtiano, fornece-lhe métodos, critérios, valores que ela diz não poder revelar muito.

A linguagem de Arendt, assim, é uma linguagem que tem curvas e arestas desta matriz teórica, mas, certamente, não só dela. Sua ampla biografia e as experiências acumuladas não podem ser descartadas. Sua judeidade, já mencionada, não sai do radar. Seu *status* de refugiada nos EUA e o modo como é acolhida neste país lhe proporcionam certa forma de ler os pais fundadores e sua concepção de política. A semântica se une à sintaxe da língua originária e novas perspectivas de acesso ao e do mundo também se abrem.

Arendt, ela própria assume, tinha como intenção compreender o mundo, isto é, reconciliar-se com algo que se lhe tornou estranho, mas ao qual ela pertence; sentir-se em casa no mundo. Compreender é, assim, uma atividade ligada inexoravelmente ao mundo, seja essa compreensão proveniente do pensamento, seja do julgamento. Pensar e julgar pode nos proporcionar entender certas medidas em que o mundo me afeta e como posso estar junto a outros neste espaço compartilhado. Aquilo que Arendt herda, ainda que não esteja no testamento, é uma forma de pensar, a qual parte de um lugar que a renegou, mas que, ainda que o carregue consigo, não se restringe a ele. Sua judeidade – questionada após o caso Eichmann – e sua “germanidade” – negada pelo Nazismo – não são fatores definidores últimos, mas compõem parte de sua sintaxe, que nunca a abandona, mas proporciona, junto à experiência mundana, uma semântica do mundo.

Falar sobre a moldura de Arendt, nesse sentido, é falar de seus caminhos, daquilo que cerca o seu pensar e de como ela pula estas cercas; é trazer à aparência, através de suas poucas pistas, o que ela mantém encoberto, mas que reflete os pontos de partida que tornam possível que ela inicie seu pensamento original. Não é necessário que para isso ela própria tenha elaborado uma filosofia e um método, mas, sim, que modos de pensamentos – filosofias e métodos – habitem suas reflexões. Isto não significa que ela os repita sempre da mesma

forma, pois os caminhos traçados fazem-na se confrontar com outros eventos, outras influências, outros condicionamentos. A intencionalidade das aparências da qual Arendt fala rapidamente em *A vida do espírito* nos capacita a melhor compreender isso: as aparências são inelimináveis em um mundo em que a pluralidade é lei e condição, de forma que o mundo é sempre uma pluralidade de aparências que intencionalmente se projeta a cada um de nós. A intencionalidade não parte somente do Eu, mas vem do mundo, da pluralidade, das aparências, dos eventos e do nosso passado em direção a nós. Como ela irá se cristalizar em nós e como vamos responder a esta intencionalidade não está dado, mas ela nos é inescapável.

Esta reflexão nos faz ver, então, que o método tem mais a ver com o quadro teórico-metodológico – a moldura e os caminhos – do que simplesmente com técnicas. Enquanto *caminho (hodos)* a ser percorrido, a investigação aponta para algo que está no fim do percurso, mas que não pode considerar o ato de percorrer apenas como um meio para um fim. A preposição grega *metá* revela isso: ela aponta para algo que está *depois de*, mas também indica participação, estar em *companhia de*. Método, nesse sentido, não é mera estrutura para alcançar uma finalidade que lhe seja independente, mas é caminho percorrido capaz de nos guiar ao mesmo tempo em que permanece conosco. Aqui, a lógica meio-fim não faz sentido; em seu lugar, a atividade do pensamento é exercitada seguindo um procedimento em que não há fim, mas sempre se está “no meio”, no caminho. Seu fim, alcançar um sentido, não é efetivamente um fim, pois o sentido desvelado não é posto como verdade que encerra um debate, mas é uma nova perspectiva a ser apresentada, um novo perfil pelo qual o mundo se abre. A semântica não se transforma em sintaxe, mas a integra. O caminho não é, portanto, abandonado, não é uma escada que se pode jogar fora após ter alcançado um saber, mas é sempre percorrido e tudo aquilo que ele proporciona alcançar faz parte dele próprio.

As cercanias do pensar arendtiano são incalculáveis, como o são de qualquer pessoa, pois precisaríamos estar de posse de todas as variáveis que a impactaram durante toda a sua vida. Podemos, sim, compreender alguns dos casos mais paradigmáticos. Arendt é impactada pela acessão dos regimes totalitários, por ser judia, por seus círculos de amizade, pela família de histórico socialdemocrata, por cursar teologia e por percorrer um longo caminho na filosofia alemã. Métodos, critérios e valores não são estruturas de nascimento completamente espontâneas, mas são provenientes de nossa interação com o mundo, algumas escolhidas, outras não.

Perguntar-se pelo método na filosofia é, assim, pôr em debate o modo pelo qual pensamos, quais são os caminhos incessantemente trilhados pelos pensadores. A *questão de*

*método* se impõe tanto como problema filosófico, quanto indica a busca de uma nova legitimidade para o discurso sobre a política, posto se tratar da forma de interação humana em que as perspectivas são postas à mesa e mais que em qualquer lugar se efetiva o julgar entre as *personas*. Embora Arendt não tenha se dedicado diretamente ao tema, ele subjaz como uma de suas preocupações constantes e dá ânimo ao que ela diz ser sua principal atividade: compreender o mundo.

A moldura que Arendt diz desconhecer não são apenas seus procedimentos, mas, principalmente, seus critérios e as influências que lhe são inescapáveis. Afirmar pensar sem amparos, ainda que possa parecer pretencioso, talvez faça mais sentido se o interpretarmos enquanto um modo de reflexão que se saiba incapaz de encontrar algo sólido o suficiente para nos amparar. Nossos caminhos – seja em florestas em chamas, seja nas ruínas da civilização, seja nos livros em que nos debruçamos – são emoldurados por fragmentos e por pérolas capazes de nos orientar no mundo, no pensamento e na política. Entre tantas coisas, cabe-nos ouvir dos outros o que carregamos conosco, cabe-nos dialogar com o mundo sobre o que ainda carregamos de seu passado, bem como apontar os buracos em que constantemente caímos e tropeçamos, pois, ainda que eles não possam ser encobertos, podemos colocar avisos sobre sua existência e seus riscos.

### **Referências bibliográficas**

ADVERSE, Helton. “Arendt e a crítica ao romantismo na biografia de Rahel Varnhagen” *Argumentos: Revista de Filosofia. Dossiê Hannah Arendt*. Ano 5, nº 9 – Fortaleza, jan./jun. 2013, pp. 79-96.

AGUIAR, Odílio Alves. *Filosofia, política e ética em Hannah Arendt*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Br.: Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. 11ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. br.: Mauro W. Barbosa. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b.

BELCHIOR. *Alucinação*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1976.

BIRULÉS, Fina. *Una herencia sin testamento: Hannah Arendt*. Barcelona: Herder, 2007.

CORREIA, Adriano. “Desmantelamento da metafísica e dignidade da aparência: Arendt, Nietzsche e Heidegger”. In: AGUIAR, Odílio Alves et al (Org.). *O futuro entre o passado e o presente: anais do V encontro Hannah Arendt*. Passo Fundo: IFIBE, 2012, pp. 107-120.

DIAS, Lucas. “Hannah Arendt e a intencionalidade das aparências”. In: *Trans/Form/Ação*, vol.43 número especial, Marília, 2020, p. 301-316.

DUARTE, André. *O pensamento à sombra da ruptura*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

DUARTE, André. “Hannah Arendt e o pensamento político: a arte de distinguir e relacionar conceitos”. *Argumentos: Revista de Filosofia. Dossiê Hannah Arendt*. Ano 5, nº 9 – Fortaleza, jan./jun. 2013, pp. 39-62.

FRONTEIRA, Gaúcho da; DARDE, Vaine. “Herdeiro da Pampa Pobre”. In: ENGENHEIROS DO HAWAII. *Várias Variáveis*. Rio de Janeiro: Estúdios BMG, 1991.

LE NY, Marc. *Hannah Arendt : Les temps politique des hommes*. Paris: L’Harmattan, 2013.

PAREKH, Bhikhu. *Hannah Arendt & the search for a New Political Philosophy*. London: The Macmillan Press LTD, 1981.

PEETERS, Remi. “La vie de l’esprit n’est pas contemplative. Hannah Arendt et le démantèlement de la ‘*vita contemplativa*’”. In. : ROVIELLO, A.-M. ; WEYEMBERGH, M. *Hannah Arendt et la Modernité*. Librairie Philosophique J. Vrin : Paris, 1992.